

Considerações sobre a Violência Sexual

Acácia Batista Dias*

A violência é um fenômeno complexo, amplo, e possui várias modulações. Passa por aspectos macroestruturais, que requerem abordagens socioeconômicas, políticas e culturais, mas que assumem contornos específicos no contexto das relações interpessoais, envolvendo, portanto, afetos, símbolos, jogos de micropolítica que entrelaçam poder e cultura, como a de gênero, entre outras.

Neste texto, pretende-se refletir sobre a violência a partir das práticas dos atores sociais, destacando interações e como nestas se distinguem situações

de vítima e de agressor, especificamente no caso da violência sexual. Dessa forma, recorreu-se à conceituação de violência referida por Michaud (1989:10-1), segundo a qual:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses ou em suas participações simbólicas e culturais

A violência sexual praticada por pais e/ou padrastos contra suas filhas/enteadas representa uma violação da integridade física, moral e psicológica. Questiona-se - esta seria uma situação circunscrita ao espaço privado ou ao espaço público? Expressa-se no público ou no privado, ou é gestada em um desses territórios e se materializa no outro? Acredita-se que ela está em ambos os territórios, expressa-se e concretiza-se em situações diversas, ocorre independentemente de classe social, raça/etnia, nível de

Día Internacional de la No Violencia contra la Mujer

25 de noviembre



Emisión Postal Conmemorativa

Hermanas Mirabal

Instituto Postal Dominicano • Dirección General de Promoción de la Mujer
• República Dominicana, 1996 •

instrução e credo, ainda que seus contornos tragam marcas político-culturais de cada categoria, isto é, de classe, de raça/etnia e de gênero, por exemplo.

A violência sexual doméstica contra crianças e adolescentes faz parte do cotidiano de várias famílias em diferentes tempos e espaços. Uma violência que traduz uma relação de poder pautada em hierarquias que separam o adulto e a criança dentro da família. A relação de poder se instala diante da situação de subordinação, na qual a criança e o adolescente apresentam uma relação direta de dependência econômica e emocional com o adulto, particularmente com os pais, que lhes exigem obediência, subserviência e respeito, são os "deveres" dos filhos. Segundo Foucault (1988:82):

Em face de um poder, que é lei, o sujeito que é constituído como sujeito - que é 'sujeitado' - é aquele que obedece. À homogeneidade formal do poder (...) corresponderia, naquele que o poder coage - quer se trate do súdito ante o monarca, do cidadão ante o Estado, da criança ante os pais, do discípulo ante o mestre - a forma geral da submissão

Em nome da legitimação da hierarquia, do exercício do poder de alguns, muitas vezes se exerce a violação dos direitos do outro, uma violação não apenas das condições básicas de sobrevivência, uma violência normalizada, atribuída ao Estado, mas também a violência que ocorre no cotidiano da família. A casa representa o espaço de ligação dos seus membros, mas é também o espaço onde afloram conflitos, onde as diferenças se acirram e se estabelecem relações de micropoderes que têm como sustentação uma hierarquia pautada em critérios como geração e gênero. As relações familiares não representam uma unidade interna harmoniosa, mas antes uma dinâmica "trama de emoções" que oscila entre contradições e concordâncias de valores, hábitos e comportamentos. Como salienta Bruschini (1993:77):

A família (...) não é a soma de indivíduos, mas um conjunto vivo, contraditório e cambiante de pessoas com sua própria individualidade e personalidade. A sexualidade, a reprodução, a socialização são esferas potencialmente geradoras tanto de relações prazerosas quanto conflitivas. A divisão interna de papéis pode ser a expressão de importantes relações de dominação e submissão, na medida em que configura uma distribuição de privilégios, direitos e deveres dentro do grupo.

As crianças e adolescentes na família vêm-se co-

dificados por "deveres", os quais, independentemente da sua propriedade social, lhes são impostos por uma linguagem de poder, isto é, via a probabilidade do uso de uma violência legitimada. Eles se encontram em posição diferenciada com o adulto, tendo assim, muitas vezes, seus anseios e desejos castrados. A divisão sexual e geracional quanto à socialização determina que os meninos, desde cedo, sejam estimulados à participação na vida pública. A rua se configura como extensão da família no processo de aprendizado "material e cultural da estruturação da sua personalidade".¹

Quanto ao processo de socialização das meninas, é perceptível um retardamento da permissão para a participação na vida pública, o que sugere uma "provável" segurança contra os malefícios da rua. No entanto, o ambiente familiar não as isenta de formas de violência que agridem a especificidade da condição de ser mulher dentro de uma sociedade não-igualitária e discriminatória.

Embora a violência sexual no âmbito doméstico vitimize ambos os sexos, questiona-se - por que entre as vítimas prevalecem aquelas do sexo feminino? A pouca representatividade dos meninos é corroborada por autores brasileiros que estudam o tema com base nos dados provenientes de atendimentos e denúncias,² um estudo comparativo³ entre um levantamento realizado em São Paulo e os dados da literatura internacional sobre abuso sexual em jovens reafirma a prevalência da vitimização do sexo feminino, tanto no ambiente doméstico como fora dele.

Torna-se desnecessário atestar a gravidade do problema, mas a ausência de dados dificulta uma maior precisão sobre contornos da violência sexual no âmbito doméstico. Decerto, trata-se de uma proble-

A casa representa o espaço de ligação dos seus membros, mas é também o espaço onde afloram conflitos, onde as diferenças se acirram e se estabelecem relações de micropoderes.

mática que representa um dos temas-tabu da nossa sociedade. Afinal, falar sobre sexo ainda é uma barreira, principalmente quando se apresenta sob forma de violência agravada por ser essa praticada por familiares. Nestes casos, torna-se difícil romper o silêncio e a cumplicidade dos envolvidos.

A família tenta conservar seus segredos. Talvez porque, para as crianças e adolescentes "manter o segredo é confessar a vergonha", a vergonha de ter tido seu corpo espoliado, violado por alguém por quem se convencionou desenvolver sentimentos de afetividade, carinho e respeito. E o respeito à sua integridade, quem assegura? Como lutar pelo direito de ter direito? Com quem se pode contar?

VINCENT (1992) afirma que a história da vida privada é também a história do medo e o medo desempenha seu papel na preservação do segredo. Sabe-se que é preciso vencer o medo, extrapolar os limites que existem entre quatro paredes, pois, lidar com a violência doméstica exige questionar estereótipos, abrir a porta do lar.

A violência sexual é também uma violência específica que traz em si a dominação de um gênero sobre o outro, entendendo-se por gênero "uma construção sociológica, política-cultural do termo sexo" (CASTRO, 1991: 46). Em outras palavras, a dominação do homem sobre a mulher, que no específico da violência sexual, aqui abordada, configura-se na relação de domínio do adulto, membro da família, sobre os membros mais novos e no uso da autoridade para a prática de abusos sexuais.

A incipiência das denúncias não nos permite ainda maiores inferências quanto ao menino vitimizado e à mulher agressora, bem como a índices elevados de violência sexual contra o sexo masculino. O que se tem constatado nos levantamentos estatísticos realizados no Brasil é um quadro alarmante de violações dos direitos à integridade física, psicológica e emocional da criança e do adolescente.

Segundo os dados da CPI do Menor:⁵

as pesquisas mostram que 40 mil menores sofrem abusos sexuais todos os anos, e que em 80% dos casos as vítimas são meninas e que duas em cada três delas são violentadas pelos próprios pais, padrastos ou responsáveis

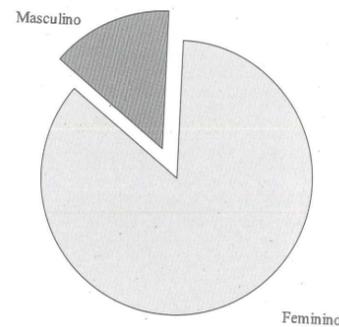
No caso específico do município de Salvador constatou-se, em levantamento realizado na Delegacia Estadual de Repressão a Crimes Contra a Criança e

o Adolescente (DERCA), de março a dezembro de 1992,⁶ terem sido registrados 140 casos de violência sexual. Os dados aqui expostos não podem ser remetidos a uma amostra representativa da realidade em que vivem crianças e adolescentes vítimas de violência sexual no município de Salvador. Eles retratam, apenas, uma mensuração e caracterizam as denúncias registradas.

O primeiro questionamento diz respeito à verificação de quem são as vítimas de violência sexual no âmbito doméstico. A escassez de informações dos registros da delegacia impossibilitou a construção de um perfil das vítimas quanto às condições socioeconômicas. Mas, com base nas observações realizadas na instituição e nas conversas informais com os agentes policiais, notou-se que, apesar da clientela ser diversificada, há predominância da população de baixa renda, principalmente nos casos de violência sexual na família.

O total de denúncias de violências sexuais registrados no ano de 1992 revelou o percentual de 86,4% para as vítimas do sexo feminino.

Figura 1
Sexo da vítima



Fonte: DERCA - 1992

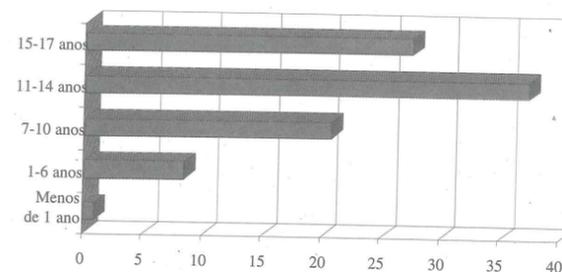
Embora considerando que a mulher-menina se constitui no alvo preferencial desse tipo de violência, a discrepância entre os índices quanto ao sexo remete a questionamentos acerca de uma maior invisibilidade quanto às denúncias de violência sexual contra meninos, principalmente quando se trata de um agressor membro da família. Segundo Azevedo e Guerra (1988: 53):

Dentre os 168 casos encontramos 157 (93,5%) vítimas do sexo feminino e 11 (6,5%) do sexo masculino. Embora as mulheres sejam os alvos principais do processo de vitimização, quer ocorrido no lar, quanto fora dele, os estudos mais modernos sobre a questão têm apontado para a existência de vítima do sexo masculino, especialmente quando o processo de vitimização se dá fora do âmbito doméstico.

Acredita-se que possa haver uma relativa ocorrência de violência sexual em meninos, mas a ausência de dados impossibilita maiores inferências. Os dados que se seguem são exclusivos de crianças e adolescentes do sexo feminino.

Quanto à idade das vítimas, encontrou-se o maior índice entre meninas de 11 a 14 anos, 37,2%, seguida da faixa etária de 15 a 17 anos, 27,3%.⁷

Figura 2
Faixa etária das vítimas
sexo feminino



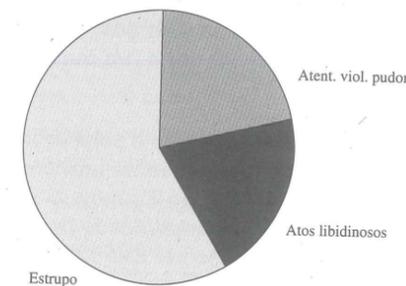
Fonte: DERCA - 1992

Esses registros contrapõem-se aos depoimentos de alguns autores, sobretudo autores americanos, que revelam a concentração de abusos sexuais na fase da infância, ressaltando entre as possíveis causas o fato de que são menores os riscos de gravidez, devido à não-ocorrência da menarca. Acrescentando-se o componente de coerção imposta pelo agressor, com maior probabilidade de êxito devido à ausência de credibilidade na fala da criança, a qual salienta-se que costuma confundir fantasia e realidade.

Entre os tipos de delito, verificaram os seguintes percentuais: atentado violento ao pudor, 21,5%; atos libidinosos, 19,8% e a categoria estupro, que se destacou como o delito mais denunciado, 39,7%. Ao incluir as categorias de ameaça, tentativa e suspeita de estupro, atinge-se o percentual de 58,7% dos casos. O estupro tem a especificidade de ser um crime cometido contra a mulher tendo como agressor

um homem e só definido enquanto tal, quando há penetração. Reflete-se que tal caracterização contribui, na perspectiva das relações de poder, para mais uma forma de dominação masculina. O domínio sexual, entendido como imposição da vontade do homem, revela, no caso específico de meninas, a autoridade que fez do corpo feminino um objeto de desejo unilateral de um ator.

Figura 3
Tipos de delitos



Fonte: DERCA - 1992

Evitou-se traçar uma associação entre o estupro e o uso da força física, embora esta relação seja ressaltada em alguns depoimentos de vítimas. Optou-se também por uma reflexão sobre formas de conquista e sedução utilizadas na construção da relação sexual entre pais e filhas. O uso da sedução muda as formas, mas não deixa de ter como conteúdo uma imposição. Scott (1988) resalta o processo de sedução que permeia tais relações, como manifestação de um aspecto negativo e irresponsável. Desta forma, afirma a autora:

A sedução da infância é destrutiva porque não é apropriada ao desenvolvimento sexual, físico e afetivo da criança e constitui tarefas dos pais (pai e mãe ou, na ausência destes, os protetores do menor) serem responsáveis por sua própria sexualidade e satisfazerem às suas necessidades emocionais de adultos sem utilizarem, para isto, a criança (Scott, 1988, In: Saffioti, 1995:301).

Entre os agressores, verificou-se o percentual de 96,4% de pessoas do sexo masculino. O baixo índice de mulheres praticantes de violência sexual, encontra na literatura feminista posições que retratam a condição de subordinação da mulher e construções de estereótipos da mulher-mãe, cuja função é o cuidado e proteção das crianças. Posições que sacralizam e inibem expressões da sexualidade feminina. Segundo

Saffioti (1989:56), alguns outros fatores colaboram para raridade de dados que denunciam a mulher.

Não apenas a condição subordinada da mulher explica este fato. Certamente muitos outros fatores pesam nesta determinação, como a maior repressão sexual (...) o hábito de ser abordada pelo macho na relação sexual, isto é, de a cultura lhe negar iniciativa neste campo, o fato de, em razão da sua anatomia, ser penetrada pelo homem, ou seja, servir de receptáculo ao pênis que a penetra.

Outra perspectiva adotada quanto à possível ausência da mulher-agressora, é a que enfatiza o processo de maternagem. Chodorow (1990) ressalta a proximidade das mães com as crianças, ou seja, o maior contato com os filhos permitiria um maior relacionamento afetivo.

No seio da família, ser marido e pai é diferente de ser esposa e mãe; à medida que as mulheres se envolveram mais na família, os homens o fizeram menos. (...) A primeira responsabilidade do pai é 'prover' sua família monetariamente. Sua contribuição emocional é raramente vista como de igual importância. Os pais, embora se relacionem com os filhos, o fazem para criar 'independência'. Isso é instrumentado pela socialização anterior do pai para repressão e negação da relação, e sua participação normal no mundo público não-relacional. Assim como as crianças conhecem seus pais "sob o tãco do princípio da realidade", também os pais conhecem seus filhos mais como gente separada do que o fazem as mães (Chodorow, 1990: 224-5).

Embora não seja possível discorrer acerca de uma correlação direta entre os processos de maternagem e paternagem, como explicações da violência sexual no âmbito doméstico, seguem-se pressupostos que desenvolvem tal viés analítico. Saffioti (1995) ressalta que o contato direto entre mães e filhos determina uma familiaridade com o corpo das crianças e a ocorrência de troca de prazer. O contato retira o mistério

O silêncio ou a ausência de dados mais flexíveis que permitissem mapear lugar, tempo, frequência e formas da violência, bem como raça/etnia e lugar de classe, indicam carências na vontade de conhecer/intervir institucionalmente.

que poderia envolvê-lo, ficando o pai, geralmente, ausente desse contato, o que pode gerar desejo.

Quanto à relação entre grau de parentesco entre a vítima e o agressor e delito praticado, verificou-se que as denúncias em que o agressor foi o pai tiveram concentração no delito do estupro, incluindo tentativas e ameaças; em apenas dois casos não houve essa relação. No caso do padrasto, a maior incidência recaiu sobre atos libidinosos, 30,4% e 6,3% foram atribuídos a estupro.

Procurou-se observar se havia relação entre o sexo, a idade da vítima e o tipo de delito praticado e constatou-se a predominância de meninas na fase de adolescência vítimas de estupro. Ao se analisar a relação entre estupro e idade das vítimas, percebeu-se na faixa etária de 11 a 14 anos um índice de 42,2%, seguida de 33,3% referida a faixa etária de 15 a 17 anos.

Em síntese, o silêncio ou a ausência de dados mais flexíveis, por exemplo, que permitissem mapear lugar, tempo, frequência e formas da violência, bem como raça/etnia e lugar de classe, indicam carências na vontade de conhecer/intervir institucionalmente.

Embora afirme-se que a violência sexual praticada por familiares ocorra em todas as classes sociais, elas se diferenciam nas formas de digerir o acontecimento, enclausurar seus fantasmas, revelar seus segredos; as classes médias e altas contam com o divã dos consultórios psicanalíticos para aprender a conviver com o fato.

As classes de baixa renda recorrem à delegacia e são as que mais denunciam, mesmo arriscando as conseqüências do devir, pois sendo o agressor o pai, o provedor, o chefe da família, o uso do seu "poder" pode determinar novos rumos na vida da vítima, como, por exemplo, a expulsão de casa.

Entender as simbologias, sentimentos e demandas existentes na relação da violência sexual doméstica, significa adentrar os significados presentes nas subjetividades e nos contextos socioculturais nos quais são construídas.

Por que os ricos, os de classe média, recorrem ao saber/poder psiquiátrico e os pobres ao saber/poder da polícia? Estaria a classe de baixa renda pedindo a punição do agressor externo, o pai, o padrasto, materializado no outro, enquanto as classes médias e altas buscam exorcizar a culpa matando o pai, o padrasto interiorizado em si?

A violência transborda a classe - está em todo lugar - bordejando formas de classes assumindo diferentes expressões em cada grupo social e recorre a contra-poderes ou poderes institucionalizados, específicos: a psiquiatria, a polícia.

A violência sexual é perpetrada tanto por desconhecidos quanto por familiares que, usando da autoridade do adulto e da relação de poder estabelecida, violam leis, violam corpos, violam sonhos.

Notas

- ¹ ESPINHEIRA, 1993: 30.
- ² Ver estudos de AZEVEDO e GUERRA (1988, 1989, 1993); SAFFIOTI (1989, 1995); SANTOS (1987).
- ³ AZEVEDO e GUERRA, 1988.
- ⁴ VINCENT, G. (1992:194).
- ⁵ *Jornal do Brasil*. Violência familiar em São Paulo atinge 500 mil crianças por ano. 2 de outubro de 1993.
- ⁶ Esse período corresponde ao primeiro momento de funcionamento da delegacia.
- ⁷ Do total de 121 casos referentes ao sexo feminino, sete casos não especificam a idade das vítimas.

Referências Bibliográficas:

AZEVEDO, M. A., GUERRA, V. N. A. *Pele de Asno não é só*

história: um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes em família. São Paulo: Roco, 1988.

_____. (orgs.). *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu, 1989. 211p.

_____. (orgs.). *Infância e violência doméstica fronteiras do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 1993. 334p.

CASTRO, M. G. A dinâmica entre classe e gênero na América Latina: apontamentos para uma teoria regional sobre gênero. In: NEVES, M. G. (coord.). *Mulher e políticas públicas*. Rio de Janeiro: IBAM/UNICEF, 1991. p.39-69.

BRUSCHINI, Cristina. Teoria Crítica da Família. In: *Infância e violência doméstica fronteiras do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 1993. p. 49-80.

CHODOROW, N. *Psicanálise da maternidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990. 319p.

ESPINHEIRA, C. G. A. A casa e a rua. *Cadernos do CEAS*. Salvador: Loyola, n. 145, p. 24-38. mai./jun. 1993.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade In: *A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 152p.

MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989. 116p.

SAFFIOTI, Heleieth. Exploração sexual de crianças. In: *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu, 1989. p.49-95.

_____. Circuito fechado: abuso sexual incestuoso. In: *Mulheres: vigiadas e castigadas*. CLADEM. *Seminário Regional Normatividade Penal e Mulher na América Latina e Caribe*. São Paulo. 1995. p. 271-354.

SANTOS, Hélio O. *Crianças espancadas*. Campinas: Papyrus, 1987. 132p.

VINCENT, Gérard. Uma história do segredo? In: ARIÉS, P. e DUBY, G. *História da Vida Privada 5: da primeira guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 155-390.

*Acácia Batista Dias é professora da Universidade Estadual de Feira de Santana e da Faculdade Salvador.